

POR UMA HISTÓRIA DAS TRADUÇÕES DE JAMES JOYCE NO BRASIL

FOR A HISTORY OF THE TRANSLATIONS OF JAMES JOYCE IN BRAZIL



Vitor Alevato do AMARAL¹
Doutor em Linguística Aplicada
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
vitoraamaral@yahoo.com

Resumo: Marcas geográficas, culturais e linguísticas costumam delimitar o trabalho do pesquisador que pretende escrever uma história da tradução. Mesmo válido e útil o balizamento, a abordagem histórica da tradução não abarca apenas o conjunto de técnicas, tendências e teorias tradutórias de determinados períodos e locais, isto é, o que se pensou sobre tradução, mas também as próprias traduções. Em outras palavras, também se deve considerar a importância da história *das traduções* de um determinado autor ou obra, uma história cuja construção ocorrerá sempre dentro de limites espaciais e temporais determinados pelo pesquisador. Este artigo pretende estabelecer as bases para a construção de uma história das traduções das obras de James Joyce no Brasil, apresentando exemplos claros de desafios certamente encontrados pelo pesquisador em seu percurso.

Palavras-chave: História da tradução; História das traduções; James Joyce; crítica de tradução.

129

Abstract: *Geographic, cultural and linguistic features can establish the range of the work of the researcher who intends to write a history of translation. Valid and useful as these limits are, the historical approach of translation does not encompass only a group of translation techniques, tendencies, and theories belonging to a certain time and place, that is, it goes beyond what was thought about translation and includes the translations themselves. In other words, one must consider also the importance of the history of translations of a given author or work, whose construction will always happen within the spatial and temporal frames determined by the researcher. The present article aims at establishing the bases for the writing of a history of the translations of James Joyce in Brazil, supplying clear examples of the challenges certainly faced by the researcher during the course of the task.*

Keywords: *History of translation; History of translations; James Joyce; Translation criticism.*

1. Introdução

Este artigo é, a um só tempo, resultado e princípio. Resultado porque incorpora reflexões apresentadas durante a palestra “Aqui e no além-mar: por uma história das traduções de James Joyce em português do Brasil e de Portugal”, proferida no Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa – CEAUL (23/09/2014), assim como durante uma das mesas-redondas ocorridas por ocasião do III Seminário Internacional de História da Tradução, ocorrido na Universidade de Brasília (6-8/10/2014). Início tanto porque dá publicidade escrita àquelas reflexões primeiras quanto porque deve ser tomado como ponto

de partida para a escrita de uma história das traduções da obra de James Joyce (1882-1941) no Brasil.

Este trabalho tenta abordar preliminarmente alguns desafios e questões encontrados pelo pesquisador que se disponha a escrever essa história. Por traduções brasileiras, entendo aquelas escritas por brasileiros, na variante brasileira da língua portuguesa e voltadas para o público leitor do Brasil. Como veremos, a transnacionalidade no âmbito das traduções de Joyce em língua portuguesa praticamente se restringe aos interesses próprios do âmbito acadêmico. Será fácil perceber que muitos dos aspectos discutidos poderiam referir-se à história das traduções de outros autores no Brasil. Isto, no entanto, não atrapalha os objetivos deste artigo, cujo foco se concentra em levantar alguns dos elementos que devem ser levados em consideração em uma história das traduções das obras de Joyce no Brasil desde pelo menos a década de quarenta até os dias atuais, incorporando, mais do que um levantamento cronológico das traduções, uma verdadeira interpretação de seu percurso dessas traduções no Brasil, o que envolve um verdadeiro exercício de crítica de tradução.

130

2. História da tradução, história das traduções

Tomando-se como exemplo três histórias da tradução, nota-se, sem grande surpresa, que predomina a visão panorâmica sobre o trabalho de tradutores, pouco ou nenhum espaço sendo dedicado à inclusão de amostras desses trabalhos. Na *Histoire de la traduction en occident. France, Grande-Bretagne, Allemagne, Russie, Pays-Bas*, Henri Van Hoof (1991, p. 9) esclarece, de saída, o alcance de “ocidente”: “o panorama esboçado nas páginas que se seguem não ultrapassará o horizonte de nosso mundo ocidental, detendo-se mais particularmente nos eventos e personagens cujos papéis foram ou ainda são preponderantes para a história da tradução na Europa”. Mesmo a “Europa” do título abrange, principalmente, os lugares nomeados no subtítulo do livro: França, Grã-Bretanha, Alemanha, Rússia e Países Baixos. O olhar de Van Hoof não se desvia do propósito de ver por cima, de modo que não penetra os textos traduzidos, que não são mais que referidos ao longo do trabalho. Um exemplo apenas é o capítulo “Les belles infidèles”, que não oferece ao leitor uma só amostra de texto resultante dessa tendência francesa do século XVII. As traduções, materialmente, encontram-se ausentes dessa história.

Um segundo exemplo: a *Histoire de la traduction. Repères historiques et culturels* (2013), de Michel Ballard, tem objetivos pedagógicos claros e é voltada para estudantes de tradução e tradutores profissionais. Em linearidade temporal, as “coordenadas históricas e

culturais” do subtítulo da obra vão da Antiguidade Clássica ao século XX. De perfil e abrangência completamente diferentes da primeira obra citada, ainda assim a história da tradução escrita por Ballard menciona os textos e seus tradutores sem mostrar as realizações. Por exemplo, o subcapítulo “La traduction en France” dedica meia página a Joyce, espaço no qual Ballard se refere a algumas das traduções das obras do escritor irlandês na França. Ao mencionar a tradução de *Dubliners*, o autor nem mesmo indica o título dado à obra em francês: *Gens de Dublin*.

Um terceiro caso é o da “história” de Lawrence Venuti, *The Translator’s Invisibility. A History of Translation* (1995). Não podendo ser classificada senão como ensaística e heterodoxa, examina, do ponto de vista de um tradutor norte-americano, a invisibilidade do tradutor no contexto anglo-americano. Seu viés é abertamente político, combativo e propositivo. Venuti não escreveu uma história da tradução nos moldes convencionais, porém escolheu para subtítulo da obra “uma história da tradução”. Diferentemente das histórias de Van Hoof e Ballard, a de Venuti traz análises de trechos de traduções, que obviamente dividem espaço com generalizações necessárias. Porém, a obra de Venuti é menos uma história do que um ensaio de largo fôlego – ou um livro com sete ensaios.

131

As dificuldades de se escrever uma história da tradução são evidentes. Elas sempre começam com vocação para o *tour de force*. As generalizações, os olhares panorâmicos, são imprescindíveis a qualquer pesquisador que se proponha a realizar um estudo de limites geográficos e temporais amplos. Não pretendo desqualificar os trabalhos de Van Hoof e Ballard pela visão panorâmica. Pelo contrário, defendo que trabalhos do caráter dos dois primeiros podem ser complementados por estudos que também merecem ser chamados de história, mas cuja abordagem põe menos foco na tradução – quase como entidade abstrata – do que nas traduções – como realizações concretas. Uma cultura literária que busque combinar a generalidade intrínseca às histórias da tradução com a especificidade das histórias das traduções estará dando um passo fundamental para a compreensão do papel das traduções dentro de seu sistema literário. Em suma, é importante demonstrar a complementariedade existente entre os levantamos de traduções, as histórias da tradução e as histórias de traduções.

Menos comuns, ou simplesmente substituídas por rigorosos levantamentos de traduções, ainda há muitas histórias de traduções por serem escritas. Pode-se falar da história das traduções de Joyce, mas, igualmente, da história das traduções de Joyce no Brasil, em língua portuguesa, no ocidente e assim por diante. Ressalte-se que uma história das traduções

desse autor no Brasil não pode encerrar apenas um levantamento de traduções, mesmo que acrescido de meticulosa descrição de seu material paratextual, somado à análise dos contextos em que elas apareceram ou deixaram de aparecer. A tarefa aqui proposta cria o ambiente ideal para a ação do crítico de Joyce acostumado a penetrar sua obra pelo caminho das traduções (o chamado *Joyce-translation scholar*, em inglês), pois todo fato tradutório demanda um olhar crítico e, em última análise, uma história dessa natureza é um trabalho de crítica de tradução.

3. Algumas questões pertinentes para uma história das traduções de Joyce no Brasil

Passo a relacionar, à maneira de uma simples introdução, algumas questões relevantes para o pesquisador interessado na história das traduções de Joyce no Brasil. Todas elas se relacionam de algum modo e não devem ser pensadas isoladamente. A separação em tópicos apenas atende à necessidade de clareza da apresentação.

3.1. O português brasileiro

Se estamos à vontade ao falar com a prosódia à brasileira, sabemos que nossa gramática normativa funciona à lusitana. Estando a modalidade escrita muito mais presa às normas gramaticais e sendo as traduções das obras literárias, via de regra, escritas, só se pode concluir que existe, para quem desejar lançar sobre elas um olhar um pouco mais apurado, uma tensão e um desconforto. Por isso, lemos em uma das traduções brasileiras de *Dubliners* a seguinte fala: “Porra!, exclamou Lenehan, eu não quero que você me apresente. Só quero dar uma olhada nela. Não vou comê-la” (JOYCE, 2012b, p. 50). A personagem abre a fala com a oralidade de um calão e a fecha com a formalidade de uma ênclise. Não se trata de demonstrar um erro do tradutor ou do revisor, mas sim um sintoma do desconforto de escrever em uma variante da língua cuja modalidade escrita é tantas vezes incompatível com a modalidade oral.

Se os percursos tradutórios da obra de Joyce são distintos no Brasil e em Portugal, a gramática normativa seguida pelos tradutores – mesmo quando estes, pela natureza do trabalho, a contrariam – é praticamente uma só. Escreveu Silvio Elia (1978, p. 126) que

foi [a] concepção romântica do povo-dono-da-língua, aliada à doutrina naturalista da evolução fatal e irreversível dos acontecimentos sociais, que gerou a escola da “língua brasileira”, novo rebento neolatino alimentado nestas plagas do Atlântico. Assim como o povo simples e cheio de vida das épocas pretéritas havia feito o português sair do latim, assim também a nossa gente inculta, mas boa e virtuosa do interior, estaria fazendo brotar do velho português d’além-mar o juvenil e espontâneo brasileiro das Américas.

Sabemos, no entanto, que essa “língua” brasileira jamais foi normatizada. Estudar as traduções brasileiras de Joyce é estudar traduções escritas não simplesmente em português, mas em português brasileiro. Esse fato precisa estar no horizonte do crítico.

Somadas as traduções brasileiras e portuguesas, a língua portuguesa é uma das que mais recebeu traduções de obras de Joyce. É oportuno pensar nas traduções de Joyce para o português, e não apenas no português do Brasil ou de Portugal separadamente, mesmo que seja para escrever apenas a história das traduções brasileiras e ainda que as traduções para o português raramente sejam lidas fora de seus contextos de origem. Simplesmente desconsiderar as realizações tradutórias portuguesas vai impedir, por exemplo, a própria comparação com as traduções brasileiras e a compreensão de que, mesmo de dentro da mesma língua, formam-se dois percursos ou tradições tradutórias distintas.

Inicialmente, cogitei um horizonte mais amplo de estudo. O título sob o qual apresentei estas reflexões durante o III Seminário de História da Tradução e Tradução Literária (UnB, 2014) era “Por uma história das traduções de Joyce em língua portuguesa: limites e desafios”. Os leitores terão reparado que limitei este artigo a uma história das traduções de Joyce no Brasil. Pesou sobre minha decisão o fato de que, ao abrir o compasso de maneira a trabalhar com os dois lados do Atlântico, daria tratamento flagrantemente desigual às duas produções tradutórias, pois a familiaridade que tenho com o português brasileiro não se aplica ao português europeu. Na minha vivência da língua portuguesa, seria como trabalhar com duas “línguas”, a minha e a do outro. Não creio que configure vantagem alguma trabalhar com a minha, mas estou seguro de que é diferente de trabalhar com a do outro.

133

Ainda, para tornar a questão mais complexa, o português europeu tem algo que, na minha leitura, por vezes se sente em casa e me faz pensar que estou lendo na minha língua; por vezes, se alongínqua, deixando-me a clara impressão de que estou lendo em idioma estrangeiro. Em suma, ler em português de Portugal não é o mesmo que ler em francês ou espanhol, estas, sim, línguas definitivamente estrangeiras. Por estar ao mesmo tempo lendo em uma língua que é minha e não é minha, perco a segurança de saber “onde” estou, e não sei mais com que hospitalidade devo tratá-la: se com a naturalidade dispensada aos de casa ou com a cerimônia dedicada aos de fora.

Como a proposta que apresento para uma história das traduções de Joyce envolve mais do que um panorama ou uma apresentação cronológica das traduções e fatos a elas relacionados, mas deve compreender uma análise das traduções, a relação do historiador com

as línguas em que foram escritas deve ser levada em consideração. Essa questão, evidentemente, pode ser desconsiderada em um simples levantamento de traduções.

3.2 A determinação do texto e da língua de partida

Se algumas edições mais recentes de obras traduzidas são acompanhadas de dados precisos sobre o texto usado como original, isso não se aplica a todas, principalmente às mais antigas. Em muitos casos pode haver dúvida até mesmo com relação à tradução ser direta ou indireta, e mesmo ao possível uso de alguma língua de apoio pelo tradutor. As primeiras traduções de obras de Joyce aparecem no Brasil na década de quarenta, precisamente quando aumenta o número de traduções de ficção em língua inglesa no Brasil, pois, como bem explica Laurence Hallewell (2012, p. 506 passim), o período da II Guerra foi marcado no mercado editorial pelo aumento de títulos traduzidos da língua inglesa. Não é difícil imaginar, portanto, que muitos tradutores tenham sido formados dentro de uma tradição francófona de literatura e tradução, incluindo-se os de tradutores de Joyce, ainda que não tenham realizado traduções indiretas. Enfim, cabe investigar a familiaridade dos primeiros tradutores de Joyce com a língua inglesa e a possibilidade de alguma tradução ter sido, se não indireta, realizada com o auxílio de alguma tradução em francês, espanhol ou português europeu.

134

3.3 Os paratextos

Os ensaios introdutórios dos tradutores, cada vez mais comuns, revelam referências teóricas, métodos, motivações etc. Na maior parte dos casos, porém, qualquer palavra do tradutor sobre seu trabalho é inexistente ou pode estar em entrevistas ou artigos nem sempre de fácil acesso. Enquanto as traduções de *Ulysses* por Bernardina da Silveira Pinheiro (2005) e Caetano Galindo (2012c) trazem, respectivamente, uma “Nota do tradutor” e uma “Introdução” escritas pelos tradutores, a de Antonio Houaiss (1966) desloca as poucas palavras do autor às orelhas do livro. E se as traduções de *Dubliners* por José Roberto O’Shea (JOYCE, 1993, 2012a) contam com uma introdução em que o tradutor comenta sobre os contos e explicita a teoria tradutória por trás de seu trabalho, as de Hamilton Trevisan (1964) e Guilherme da Silva Braga (2012b) são marcadas pelo “silêncio” dos tradutores. A presença ou ausência da palavra do tradutor ou de outra pessoa também deve estar sujeita à descrição e análise pelo pesquisador.

3.4 As traduções “esquecidas”

Há várias traduções “esquecidas” entre páginas de revistas, jornais e, mais recentemente, Internet. Por exemplo, Augusto de Campos (1984, p. 26) nos conta que foi Patrícia Galvão quem “pela primeira vez traduziu e divulgou, entre nós, algumas páginas do *Ulysses*, no suplemento literário do *Diário de São Paulo*, em 1947, [...] a partir da tradução francesa”. Já a revista *Joaquim* de 4 de setembro de 1946 trouxe um pequeno trecho traduzido do *Ulysses*², mas sem referência clara ao nome do tradutor.

Muitas das traduções dispersas em coletâneas, revistas e jornais são contos de *Dubliners*. Além das quatro traduções completas da obra publicadas (cf. Anexo), existem pelo menos duas outras ainda fora do prelo. As traduções dispersas correspondem a quatorze traduções de contos publicados fora do conjunto do livro e que raramente são mencionadas e talvez nunca tenham sido de fato estudadas.

Há que se mencionar, também, o caso das traduções *hors commerce*, que por vezes sequer vão parar nas bibliotecas brasileiras.

3.5 A determinação da autoria das traduções

Há algumas traduções de Joyce em português, sobretudo de algumas das quatorze mencionadas acima, publicadas sem referência a seus tradutores. A própria tradução do excerto de *Ulysses* que apareceu no número 4 da *Joaquim*, acima mencionada, não traz indicação clara do nome do tradutor. Um trabalho comparativo entre traduções pode resolver alguns casos. Já se sabe que a tradução de um dos contos, publicada no Brasil em 1957 sem nome do tradutor, é, na verdade, cópia de uma tradução portuguesa publicada na década anterior (AMARAL, 2013, p. 22). Este não é propriamente um desafio maior, uma vez que são poucos os casos de traduções apócrifas, mas é, sem dúvida, uma questão relevante para o estudioso das traduções brasileiras de Joyce.

3.6 Os tradutores de Joyce no Brasil

O ponto anterior obriga o pesquisador a perguntar-se quem são os tradutores brasileiros de Joyce. É preciso saber, por exemplo, quais tradutores podem ser classificados como estudiosos de sua obra, da literatura de língua inglesa em geral e da tradução. A tradução das obras do autor irlandês não deve ser considerada terreno exclusivo dos joycianos ou dos Joyce *scholars*, mas, evidentemente, o conhecimento do tradutor sobre o texto

AMARAL. Por uma história das traduções de James Joyce no Brasil. *Belas Infâncias*, v. 4, n.2, p. 129-140, 2015.

traduzido, seu autor e o conjunto de sua obra de alguma forma manifestam-se no resultado da tradução.

Em que tradição (literária e tradutória) se inserem os tradutores? Que formação tiveram? Conheciam outras línguas? Essas são algumas perguntas a serem feitas. Se em alguns casos basta perguntar ao tradutor, em outros será necessário recorrer a biografias, entrevistas, relatos etc. É ainda importante tentar saber se os tradutores tiveram contato com traduções anteriores das obras de Joyce.

Outro fator que interfere no resultado final é a motivação do tradutor e seu objetivo. Um tradutor pode ter motivação acadêmica, pessoal – quando apaixonou-se pela obra de um escritor – ou apenas profissional – quando recebe uma encomenda do mercado. A pergunta-chave que se poderia fazer aos tradutores é “Por que você traduziu Joyce?” Em alguns casos a resposta pode estar ao alcance, em outros, estará perdida para sempre.

E não se pode deixar de averiguar a relação de trabalho estabelecida entre o contratante – normalmente uma editora – e o tradutor, o que envolve descobrir que público a editora desejava atingir, o grau de liberdade e o tempo de trabalho oferecidos ao tradutor e, não menos importante, se o tradutor pôde rever o trabalho depois de ter passado pelo revisor.

136

3.7 O contexto

Questão demasiada ampla para se tentar resumir em poucas linhas, pois dentro da noção de contexto cabe praticamente tudo. Refiro-me, principalmente, às condições do mercado editorial, à situação política do país, ao nível de liberdade de expressão do tradutor e dos envolvidos no mercado editoriais e na criação literária de forma geral e ao público-leitor.

O pesquisador precisa situar as traduções em seus contextos e, também, situar-se. Para começar, está escrevendo uma história baseada em traduções escritas em português do Brasil para um público brasileiro. Para citar um fato importante a ser considerado, é preciso lembrar que a posição da língua portuguesa no Brasil em relação ao português de Portugal é diferente daquela, por exemplo, do alemão da Suíça em relação ao da Alemanha. O suíço Fritz Senn (2007, p. 102), um dos grandes críticos de Joyce, explica que só fala com seus compatriotas em dialeto e que, entre os suíços, o alemão padrão é guardado para ocasiões específicas. Nada semelhante ocorre no Brasil, a despeito das normas gramaticais lusitanas, que, na verdade, apenas tentam impor-se na escrita. Robert Weninger (2004, p.51), em seu estudo sobre a recepção de Joyce na Alemanha, Áustria e cantões suíços onde se fala o alemão, trata as três nações como um só espaço em termos de mercado editorial, abordagem que não pode ser

reproduzida no caso de Brasil e de Portugal, que têm mercados de consumo de livros próprios. A primeira tradução de *Dubliners* para o alemão (*Dublin-Novellen*, 1928) foi publicada na Suíça pela Rhein-Verlag, mas seu tradutor, Georg Goyert, não era suíço, e sim alemão. Isso quer dizer que os suíços leem as traduções em um “outro” alemão. No Brasil, como já mencionado, não se leem as traduções em português europeu fora do âmbito da academia. Tal discussão traz à baila a evidente presença de mercados editoriais no Brasil e em diversos países da América Latina, que são fortes o suficiente para se voltarem aos seus consumidores domésticos.

3.8 Recepção e impacto das traduções

Munira Mutran fornece um dos fatores que comprovam a relevância de se estudar as traduções de Joyce no Brasil. Para a especialista em literatura irlandesa, “foi certamente através das traduções, e não dos ensaios críticos, que o público veio a conhecer seus romances e seus contos” (MUTRAN, 1992, p. 436). Portanto, a recepção das traduções de Joyce no Brasil, bem como o impacto causado por elas na própria literatura brasileira, interessam sobremaneira à proposta ora apresentada. Será necessário recorrer a jornais, revistas, periódicos acadêmicos e blogs da Internet para encontrar os ensaios críticos e resenhas publicados sobre as traduções de Joyce, tarefa, aliás, facilitada pelo amplo levantamento realizado por Munira Mutran (1992).

137

Ainda dentro deste tópico cumpre destacar o papel dos divulgadores e tradutores da obra de Joyce no Brasil. É preciso mencionar, nesse quesito, os nomes de Augusto e Haroldo de Campos, verdadeiros *champions* do escritor no Brasil cujas obras compõem capítulo especial em qualquer estudo da recepção e tradução das obras de Joyce deste lado do Atlântico.

4. Conclusão

Espero ter apresentado, com relativa clareza e mínimo de superficialidade, as bases para a escrita de uma história das traduções de Joyce no Brasil. Mais do que um levantamento de material bibliográfico, é necessário proceder à sua interpretação. Todas as traduções das obras de Joyce, integrais ou parciais, assim como os textos críticos sobre elas (resenhas, artigos, ensaios, teses acadêmicas etc.) devem ensejar um trabalho crítico no seio do qual serão analisados os textos e contextos dos quais sairá a substância para a história proposta. As questões relacionadas de 3.1 a 3.8 são importantes porque se trata de construir uma história e

não de descrever fatos sem crítica. Pede-se ao pesquisador, mais do que capacidade para descobrir fatos, capacidade para lançar um olhar interpretativo sobre eles.

Para terminar, é preciso reiterar que este artigo não tem a ambição de apresentar quaisquer conclusões sobre a elaboração de uma história das traduções de Joyce no Brasil. Ele apenas revela considerações iniciais sobre o tema, amadurecidas, a bem dizer, pelo diálogo com outros estudiosos da tradução que tive o prazer de encontrar, sobretudo durante a visita ao CEAUL (Universidade de Lisboa) e a participação no III Seminário Internacional de História da Tradução da UnB. Reconheço, igualmente, a dívida para com o Daniel Ferrer e Patrick O’Neill, ambos reconhecidos por seus estudos sobre a obra de Joyce, e Benoît Tadié, tradutor de *Dubliners* na França, pessoas com quem, mesmo de longe, mantive rico intercâmbio de ideias por meio do qual, generosamente, puderam enviaram-me valiosas informações e comentários que contribuíram para a elaboração deste artigo.

REFERÊNCIAS

138

AMARAL, Vitor Alevato do. **Literalmente Joyce: uma retradução de *Dubliners***. Rio de Janeiro, 2013. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

BALLARD, Michel. **Histoire de la traduction. Repère historiques et culturels**. Coleção Traducto [com objetivos pedagógicos]. Bruxelas: De Boeck Supérieur, 2013.

CAMPOS, Augusto de. Entrevista com Augusto de Campos no joycentenário. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, EDUFSC, n. 12, vol. 2, p. 25-35, 1984.

ELIA, Silvio (1978). Romantismo e linguística. In: GUINSBURG, J. (org.). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 113-135.

HALLEWELL, Laurence (1985). **O livro no Brasil. Sua história**. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2012.

JOYCE, James. **Dubliners**. Estabelecimento textual de Robert Scholes; A. Walton Litz. Nova Iorque: Penguin Books, 1996. Col. The Viking Critical Library. Texto da clássica edição de 1967.

_____. **Dublinenses**. Trad. Hamilton Trevisan. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

_____. **Dublinenses**. Trad. José Roberto O’Shea. São Paulo: Siciliano, 1993.

_____. **Dublinenses**. Trad. José Roberto O’Shea. São Paulo: Hedra, 2012a.

_____. **Dublinenses**. Trad. Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2012b.

_____. Do *Ulysses*, de Joyce. **Joaquim**. Curitiba, Imprensa Oficial do Paraná, n. 4, 4 de setembro de 1946, 2000, p. 17. Fac-símile.

_____. **Ulisses**. Trad. Trad. Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

_____. **Ulisses**. Trad. Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro: Objetiva, [2005] 2007.

_____. **Ulysses**. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin / Companhia das Letras, 2012c.

MUTRAN, Munira. A recepção de Joyce no Brasil. In: NESTROVSKI, Arthur (org.). **Riverrun. Ensaios sobre Joyce**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 427-446.

SENN, Fritz. **Joycean Murmoirs. Fritz Senn on Joyce**. Christine O'Neill (org.). Dublin: The Lillipt Press, 2007.

VAN HOOFF, Henri. **Histoire de la traduction en occident. France, Grande-Bretagne, Allemagne, Russie, Pays-Bas**. Paris: Duculot, 1991.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility. A history of Translation**. Nova Iorque: Routledge, 2008.

139

WENINGER, Robert. The Institutionalization of 'Joyce': Joyce in (West) Germany, Austria and Switzerland, 1945 to the present. In: LERNOUT, Geert; MIERLO, Wim Van (orgs.). **The Reception of Joyce in Europe**. V. 1, Germany, Northern and East Central Europe. Londres: Thoemmes Continuum, 2004.

ANEXO

Traduções brasileiras completas e publicadas das principais obras de Joyce no Brasil.

***Dubliners* (1914)**

Dublinenses. Trad. Hamilton Trevisan. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

Dublinenses. Trad. José Roberto O'Shea. São Paulo: Siciliano, 1993.

Dublinenses. Trad. José Roberto O'Shea. São Paulo: Hedra, 2012.

Dublinenses. Trad. Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2012.

***A Portrait of the Artist as a Young Man* (1916)**

Retrato do artista quando jovem. Trad. José Geraldo Vieira. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945.

Um retrato do artista quando jovem. Trad. Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

Um retrato do artista quando jovem. Trad. Elton Mesquita. São Paulo: Hedra, 2013.
Retrato do artista quando jovem. Trad. Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2014.

Ulysses (1922)

Ulisses. Trad. Trad. Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
Ulisses. Trad. Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
Ulysses. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin / Companhia das Letras, 2012.

Finnegans Wake (1939)

Finnegans Wake / Finnicius Revém. 5 vols. Trad. Donaldo Schüler. Granja Viana Cotia / Porto Alegre: Ateliê Editorial / Casa de Cultura Guimarães Rosa, 1999.

1 Lattes Vitor Alevato do Amaral. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7623858176791352>

2 Agradeço a Caetano Galindo e Sandra Stroparo por esta indicação.